

Artigo recebido em:

13.10.2016

Aprovado em:

06.01.2017

Karina Gomes Barbosa

Professora adjunta do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Atua no jornal-laboratório *Lampião*. Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB) com pesquisa direcionada ao audiovisual e suas interfaces com estudos de gênero, narrativas e afetos. E-mail: mastudobem@gmail.com.

André Luis Carvalho,

Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), no curso de Jornalismo, onde trabalha com fotografia e atua na revista-laboratório *Curinga*. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (2007), na área de Imagem e Som. Pesquisa fotografia, narrativas, afetos, identidades, cotidiano, memória. E-mail: adlcarvalho@gmail.com.

¹ Versão preliminar deste artigo foi apresentada no 25º Encontro Nacional da Compós e posteriormente publicada nos anais eletrônicos do evento.

Estudos em Jornalismo e Mídia
Vol. 13 Nº 2
Julho a Dezembro de 2016
ISSNe 1984-6924

Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana¹

Karina Gomes Barbosa

André Luís Carvalho

Resumo

Este artigo busca analisar as estratégias narrativas empregadas pelo jornalismo laboratorial universitário marianense para construir uma narrativa do trauma nas páginas do jornal *Lampião*. O objetivo é perceber como o veículo materializa a experiência do rompimento da barragem do Fundão, pertencente à Samarco, em Mariana (MG), evento traumático das coletividades locais, por meio de sua narração, compreendendo o jornalismo contemporâneo como meio e possibilidade para tal. Ao mesmo tempo, o trabalho procura problematizar tal estratégia de construção do acontecimento catastrófico nas páginas de jornais. Debruçamo-nos sobre o texto impresso nas matérias do jornal com o aporte das abordagens psicanalíticas sobre o trauma e dos estudos do campo do jornalismo sobre a cobertura de riscos e catástrofes, ancorados na análise de conteúdo.

Palavra-chave:

Trauma; Narrativa; Jornalismo local.

Abstract

This article seeks to analyze the narrative strategies employed by Mariana's experimental journalism to build a trauma narrative in the newspaper *Lampião*. The aim is to understand how the vehicle materializes the experience of Fundão dam rupture, belonging to Samarco, in Mariana (MG), traumatic event of local communities, through its narration, understanding contemporary journalism as mean and possibility for it. At the same time, the research aims to problematize such building strategy of the catastrophic event in newspapers. We worked through the text on the newspaper's pages with the contribution of psychoanalytic approaches about trauma and journalism studies about the coverage of risks and disasters, anchored on content analysis.

Keywords:

Trauma; Narrative; Local journalism.

Quando a lama desceu pelo flanco à esquerda superior do quadro, devastou casas, bateu contra um paredão de terra ao fundo, retornou, arrasando mais e mais as construções, hortas, paisagem. Escapou pela ravina que desemboca no rio, carregando consigo dezenove corpos (dois dos quais ainda não encontrados)², uma cidade, memórias. Deixou para trás o trauma. Eram andares de lama, que avançaram por outros distritos e subdistritos de Mariana – Camargos, Paracatu de Baixo e de Cima, Ponte do Gama, Pedras, Águas Claras, Cláudio Manoel – e rasgaram, de marrom e ao meio, a primaz de Minas; atravessaram as fronteiras com o município de Barra Longa, onde devastaram ainda o distrito de Gesteira; invadiram o rio Doce e chegaram ao mar do Espírito Santo.

Se algum jornalista estivesse parado, na tarde do dia 5 de novembro de 2015, à entrada do que já foi Bento Rodrigues, subdistrito do distrito de Santa Rita ou de Camargos³, da cidade mineira de Mariana, teria testemunhado – e relatado – tal cena. Mas o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco (pertencente às companhias Vale/BHP), e sobretudo a destruição “do Bento”, como era/é afetuosamente chamado pelos ex-moradores, foi rápido e testemunhado apenas pelas vítimas do evento traumático. Os fragmentos que constroem a narrativa dessa destruição são do que ouvimos contar. E o que nos foi permitido ver, o resto de Bento, é posterior.

Relativamente distante dos grandes centros noticiosos e das principais redações do país, Bento Rodrigues deixou de existir antes que os relatos jornalísticos mais complexos acerca da situação fossem produzidos. Nas imagens audiovisuais e fotográficas de tons predominantemente terrosos (produzidas em proliferação após o rompimento) a protagonista é a lama, diferente de outros desastres humanos e naturais, como o caso Omayra Sanchez, na Colômbia, cuja imagem de sofrimento, diante do trauma, é uma das que sujeitos personi-

ficam, humanizam o drama e que significam, ao mesmo tempo, que o jornalismo testemunhou o fato.

Uma das tarefas do jornalismo diante de um acontecimento como o de Mariana é tentar construir a narrativa (ou as narrativas) desse evento traumático, experienciado e testemunhado pelas pessoas atingidas diretamente por ele. A importância de tal narrativa nos aproxima da acepção de Beatriz Sarlo, para quem “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração” (2007, p. 24). Para além do jornalismo, Seligmann-Silva destaca a “necessidade absoluta do testemunho” como “condição de sobrevivência”, e situa a narrativa como elementar ao servir de “*ponte com ‘os outros’*” (2008, p. 67, grifo original).

Neste artigo, buscamos analisar as estratégias narrativas empregadas pelo jornalismo laboratorial universitário marianense para construir uma narrativa do trauma nas páginas do jornal-laboratório *Lampião*, em busca de materializar a experiência do evento traumático por meio de sua narração, compreendendo o caráter testemunhal do jornalismo contemporâneo como meio e possibilidade para tal, ao mesmo tempo problematizando tal estratégia de construção do acontecimento catastrófico nas páginas de jornais. Debruçamo-nos sobre o texto impresso nas matérias do jornal com o aporte das abordagens psicanalíticas sobre o trauma e dos estudos do campo do jornalismo sobre a cobertura de riscos e catástrofes, ancorados na análise de conteúdo. Segundo Bardin, trata-se de

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

² Até a revisão final deste artigo, em janeiro de 2017.

³ No site oficial da Prefeitura de Mariana, o subdistrito era descrito como localizado em ambos os distritos. Informação disponível em: www.prefeitura2014.pmmariana.com.br, acesso em 6 de janeiro de 2017.

Na acepção de Bardin, a análise de conteúdo debruça-se sobre a fala, ou o aspecto individual e atual – em ato – da linguagem, podendo ser aplicada em discursos variados, em busca de fatores que determinam ou influenciam o que aparece como índice ou pista na superfície dos discursos. Tais marcações surgem de análises categoriais aliadas a análises de estrutura. A análise se voltou a 13 conteúdos jornalísticos, 12 reportagens e uma crônica jornalística, a maioria delas voltada para o chamado jornalismo humanizado, com foco nos atingidos. As variáveis de inferência aplicadas aos textos, extraídas do diálogo entre jornalismo e trauma, foram estilhaçamento temporal; atravessamento do simbólico; experiência de quase morte; as narrações do evento traumático; teor de irrealidade; singularidade; repetições; estado afetivo; nostalgia.

É dentro dessa abordagem metodológica que nos debruçamos sobre o jornal-laboratório⁴ aqui em análise. O *Lampião* existe desde maio de 2011, produzido no âmbito do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto por estudantes do quinto semestre da faculdade. Com duas edições semestrais⁵, integra o precário sistema de mídia da cidade, que não possui jornais diários, apenas veículos semanais com pouca ou nenhuma independência em relação a grupos políticos locais; duas rádios, uma ligada ao setor evangélico e a outra aos católicos locais; e uma série de perfis em redes sociais que veiculam mistos de notícias locais, boatos e acusações. Ainda há os meios informais de comunicação, como “muraís, pontos de ônibus, padarias, praças, igrejas e postes”, conforme elencam Borges e Bravin (2012, p. 2). Nesse cenário, o *Lampião* e a *Curinga*, revista-laboratório, são amplamente reconhecidos como veículos jornalísticos independentes, comprometidos com o interesse público. O *Lampião* se dedica à cobertura jornalística local, conforme explicitado na missão do jornal:

Ser um veículo de comunicação e informação que promove o elo

entre a universidade e a sociedade, voltado para Mariana e Ouro Preto. Apresenta uma linha editorial que eleva o contexto para além do campus universitário, não atendendo a outros interesses que não os da comunidade, assumindo, assim, um compromisso de serviço ao leitor. (BARBOSA, SANTOS, AQUINO, 2016, s/p)

Depois da tragédia que se abateu / se abate sobre a cidade desde 5 de novembro de 2015, com desdobramentos ainda em curso e carente de todas as respostas, tanto o *Lampião* quanto a *Curinga* produziram edições temáticas totalmente voltadas para o acontecimento. O *Lampião* dedicou a primeira de suas duas edições do segundo semestre de 2015 ao assunto e a *Curinga* produziu edição única, em vez das duas edições semestrais, além de outra temática um ano após a tragédia, em novembro de 2016.

Sobre o trauma

O trauma pode ser caracterizado como a memória de um passado que persiste – insiste em não passar –, e que portanto desordena a estrutura temporal do sujeito afetado por ele. Leva àquilo que Seligmann-Silva denomina “teor de irrealidade”, perceptível especialmente em relação à memória do trauma e que “desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69, grifo original). Na visão de Robert Storolow, de uma perspectiva psicanalítica pós-cartesiana, o trauma produz estados afetivos, dolorosos, que expõem o indivíduo traumatizado a um elemento da vida escondido até então, a proximidade da morte, e têm impacto devastador na experiência da temporalidade – uma temporalidade traumática (STOROLO, 2011, p. 3). Um conceito possível é que o “trauma se constitui em um contexto intersubjetivo no qual uma severa dor emocional não consegue encontrar um lar relacional em que se ancorar” (STOROLO, 2011, p. 27). Gagnebin reflete que “o trauma é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acon-

⁴ Neste artigo não se problematiza ou se coloca em questionamento a característica laboratorial do veículo, que diz respeito a questões como infraestrutura, aprendizado, rotinas produtivas, periodicidade, experimentalismo, entre outros.

⁵ Esta é a periodicidade atual do veículo. Em seu início, o *Lampião* publicava três edições a cada semestre. Excepcionalmente, no primeiro semestre de 2015, publicou novamente três edições.

tecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (GAGNEBIN, 2006, p. 99, grifo original). A autora ressalta a inenarrabilidade da experiência traumática, a partir das duas grandes guerras e do Holocausto, pois o que os sobreviventes vivenciaram não era assimilável pela palavra. “Este, por definição, fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem”. Ainda assim, tenta-se narrar, mesmo que nunca se consiga, realmente, dizer o horror (GAGNEBIN, 2006, p. 43).

Para Seligmann-Silva, a narração do trauma permite que o indivíduo traumatizado inicie um movimento de reconexão com o mundo: “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (2008, p. 67). A narração pode se configurar, assim, como um lar relacional. No entanto, uma das aporias que cercam o trauma é sua impossibilidade de narração, pois suas testemunhas diretas⁶ – os que estiveram lá – não conseguem se afastar do evento para gerar dele um testemunho lúcido e íntegro. Aqueles que conseguem testemunhar são justamente os mantidos a certa distância do evento. Ao mesmo tempo, o sobrevivente tem de conciliar regras de verossimilhança com o que viveram; e nem sempre a linguagem dá conta de abrigar a experiência, eivada de um caráter de “inimaginável”, muito desproporcional à narração realista, sobretudo à narração jornalística, em que a verossimilhança, ou o efeito de verdade, é buscado como princípio. Ainda assim, é preciso contar, há o desejo do relato – e mesmo sua necessidade.

Citada por Seligmann-Silva, a psicanalista armênia Hélène Piralian, escrevendo sobre o genocídio do povo, aponta em tal direção, ao destacar a importância da representação: ao simbolizar o evento traumático, reconstrói-se um espaço simbólico de vida, capaz de recolocá-lo – o trauma – no fluxo temporal da vida (PIRALIAN apud SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Há, portanto, um constante dilema entre uma realidade inverossímil

e a necessidade imperativa do testemunho. Seligmann-Silva aponta a ficção, a imaginação – a arte – como um meio para a narração do trauma, chamando a literatura a seu serviço (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70).

Mas há, também, que se pensar em outras modalidades narrativas, que, além da arte e da imaginação, são capazes de preencher e enfrentar “o buraco negro real” do trauma (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70). O jornalismo apresenta-se, nesse contexto, como uma ferramenta de renascimento, de reinserção da vítima, do sobrevivente, no fluxo da vida – ainda que sobre-viver ao trauma imponha a manutenção de resquícios desse visionamento “do outro lado”, para além do simbólico, um estranhamento do mundo, *desse* mundo, que estará sempre lá, à espreita. Algumas características da narrativa, como a linearidade, as repetições e as construções de metáforas, auxiliam essa simbolização. Para além das características da narrativa, também o relato jornalístico contribui para retemporalizar no presente, realocar o sobrevivente do trauma em “nosso mundo”.

O relato jornalístico se aproxima do caráter singular e exemplar do testemunho do trauma: são exemplos que viram de perto fatos extraordinários, e como tal são portadores de verdades, únicas para cada um. O que não se pode deixar de garantir são espaços para a efetivação do testemunho, para erigir pontes entre o sobrevivente do trauma e o resto do mundo, ou “construção de passagens e (...) refundação de moradias para estes Eus danificados” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 78).

Jornalismo e trauma

A narrativa, de qualquer natureza, organiza o enredo que confere lógica a um tempo passado, conforme nos lembra Maria Rita Kehl:

Se não produzirmos algum fio narrativo ligando começo, meio e fim, algumas representações que nos sustentam subjetivamente perderão completamente o sentido. A ideia de que somos “indivíduos”,

⁶ É interessante pensar, aqui, a proposição de Jeanne Marie Gagnebin a respeito do conceito de testemunha: “uma ampliação (...) se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o bistor de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Assim, o jornalista é um desses agentes, uma testemunha, que leva tais palavras insuportáveis adiante, na expectativa e possibilidade de construção de um presente.

por exemplo, coesos e reconhecíveis ao longo do tempo; a ideia de que a vida que vivemos constitui uma unidade coerente e dotada de sentido e não uma sucessão de dias transcorridos a esmo (KEHL, 2001, p. 2).

Como processo cultural-social eternamente presentificado, que se articula na relação entre organizações formais e coletividades (GROTH, 2011), o jornalismo, por meio de seus canais de difusão, se configura como modalidade narrativa do presente (do que é atual) que ajuda a dar sentido ao mundo, mas também auxilia no processo de “normalização” do evento traumático. Esse papel ganha especial relevância em casos catastróficos – como a tragédia de Bento Rodrigues –, devido ao que Seligmann-Silva aponta como consequências das catástrofes: “na mesma medida em que explodem o referencial simbólico do Iluminismo, revelando seus ocos e contradições, geram um gigantesco acúmulo de dor e morte” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 82).

A narrativa também ajuda a evitar o esquecimento, o desaparecimento de um acontecimento. Também a cultura da memória, e a participação do jornalismo nela, pode ser agenciada, em um caso como o de Bento Rodrigues, para criar “esferas públicas de memória ‘real’ contra políticas do esquecimento” (HUYSSSEN, 2000, p. 16). Huyssen também comenta que o eventual esquecimento de um fato, em uma cultura contemporânea obcecada pela memória, pode ser entendida (entre outros fatores) como consequência de uma imprensa inepta em narrar tal acontecimento. Contra tal esquecimento é que se pode pensar a edição do jornal-laboratório completamente dedicada à catástrofe.

Como atividade social e profissional, é sabido que o jornalismo não é estranho à narração do trauma. Mark H. Massé enumera que

Há séculos, jornalistas em todo o mundo têm arriscado saúde, segu-

rança e vidas ao cobrir conflitos, tragédias e traumas. Eles se tornaram testemunhas da violência, destruição e perda para que seus públicos possam ser informados, esclarecidos ou chamados à ação. Quando o desastre acontece, jornalistas frequentemente são os primeiros respondentes, em alguns casos chegando à cena antes de agentes da lei, bombeiros, pessoal médico ou forças militares. Repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e outros profissionais da imprensa exploram as duras realidades da guerra, genocídios, terrorismo, crimes, catástrofes e acidentes, documentando suas observações e experiências (MÁS-SÉ, 2011, pp. 1-2).

É devido a tal proximidade que todo jornalista pode estar – a qualquer momento – apto a cobrir e narrar o trauma, bem como o jornalismo em geral. As narrativas de catástrofes, tragédias e acidentes ocupam, tradicionalmente, espaços amplos e privilegiados no jornalismo. Ainda assim, o acontecimento precisa ser construído jornalisticamente, visto que é conectado a um tempo social, a um contexto mais amplo. Mediado, adquire diferentes graus de visibilidade e importância (TAVARES, 2007, p. 49).

No caso de Bento Rodrigues, a narração do evento traumático pelo jornalismo também envolve a marcação de sinais visíveis da presença no tempo transcorrido, sinais de uma identidade já inalcançável no presente, quando do relato de alguns rastros do passado (testemunhos, documentos, registros visuais, memórias), em sintonia com o pensamento de Pierre Nora (1997). Isso porque o subdistrito centenário era pouco presente nas narrativas jornalísticas do cotidiano, do acontecer, do trivial. Pouco aparecia na cobertura local e tinha pouca proeminência no que diz respeito a políticas públicas.

Um discurso testemunhal, como o relacionado ao trauma de Bento Rodrigues, no jornalismo, é mediado: transmitido por uma testemunha, um so-

brevemente, um atingido, é relatado pelo jornalista no veículo para o qual escreve (no caso impresso). A mediação, aqui, refere-se à prática de captar aspectos da realidade e transmiti-los por meio de processos produtivos específicos, socialmente contextualizados (TAVARES, 2007, p. 47). Contudo, se o discurso jornalístico é claro, objetivo, econômico, organizado e lógico, a fala do testemunho mediado é muitas vezes fragmentada e plena de reticências. É “errância, abrir-se para a assistemática, para fraturas e silêncios” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79). Tal discurso, segundo Seligmann-Silva, é também “marcado pela tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de traduzir o vivido em imagens ou metáforas. (...) A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens ‘vivas’, ‘exatas’, também marca a memória dos traumatizados” (SELIGMANN-SILVA, 2005 p. 87). É um discurso que, na mediação, precisa ser ajustado às técnicas de construção textual canônicas da atividade jornalística.

A narrativa jornalística reconta e cria sentidos – narra – as experiências do homem e se configura como lugar de produção de conhecimento sobre o mundo. Assim, o jornalismo se configura como parte de um processo no qual mediações e representações não se dissociam (RESENDE, 2009). Quanto à forma, Resende afirma que

Na narrativa jornalística, a forma autoritária de narrar histórias se mantém, e, de certa forma, com mais agravantes por apresentar-se velada. Envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional — o que encontra legitimidade epistemológica — coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano. Nesse sentido, o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores,

representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo (RESENDE, 2009, p. 33).

No caso de catástrofes como a que abateu Bento Rodrigues, podemos perceber a afirmação de Lozano Ascencio, para quem “os meios de comunicação constroem o acontecimento de riscos e catástrofes sem registrar a totalidade dele, mas selecionando, hierarquizando e se aprofundando nas “quebras do acontecimento” que recebem maior importância” (ASCENCIO, 2015, p. 11). Para o autor, o acontecimento catastrófico monopoliza a atenção e demanda o relato (ASCENCIO, 2009 apud AMARAL, 2015). Amaral aponta o papel preponderante da mídia nesse processo narrativo, já que a cobertura desse tipo de evento ajuda a interpretar o acontecimento e produzir novos sentidos (AMARAL, 2013). E esses relatos geram um “esquema narrativo” para compreensão de diversos aspectos do mundo, como os riscos da ocorrência de catástrofes (AMARAL, 2015, p. 36). Alguns dos aspectos dessa estruturação dos acontecimentos são a preponderância da imagem sobre a análise e, o que nos interessa mais diretamente, a personalização das vítimas⁷ (AMARAL, 2015).

O jornalismo de catástrofes (os eventos traumáticos) tende à espetacularização – um espetáculo do qual seus protagonistas não desejam participar (MUÑOZ, 2015), mas independente disso, costuma despertar inquietude ao apresentar uma possibilidade de contemplação da instabilidade (ASCENCIO, 2015) – da natureza, da vida, do mundo, do sujeito no mundo. A tendência ao espetáculo no jornalismo que cobre eventos traumáticos é apontada por Corral, Calero e Ascencio, que, em pesquisa com jornalistas, revelam necessidade dos meios em criar espetáculos e mostrar cruamente imagens de impacto. Apontam ainda a estrutura repetida na cobertura dos eventos, evitando-se um tratamento informativo (CORRAL, CALERO, ASCENCIO, 2015).

⁷ O foco deste artigo são as configurações narrativas do jornalismo, mas se pensamos a partir dos critérios de noticiabilidade, a personalização costuma aparecer em diversas classificações quanto aos valores-notícia. Nesse sentido, a abordagem de Gislene Silva (2005) agrupa tanto a catástrofe quanto o interesse humano – que diz respeito diretamente à personalização dessas vítimas – sob o critério da tragédia/drama. Importante notar que a espetacularização não se constitui um valor-notícia, mas se configura como operação narrativa bastante comum quando da personalização.

Bento no Lampião

Em 12 páginas, a edição 21 do jornal-laboratório *Lampião* apresentou 11 matérias jornalísticas, um ensaio fotográfico e uma crônica, além de outros conteúdos jornalísticos como charge e editorial (os quais não estão sob análise aqui). Os 13 conteúdos, de alguma maneira, operam para construir uma narrativa do evento traumático que foi o rompimento da barragem do Fundão, pertencente à Samarco, no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG). Logo na página 2, a crônica *No meio do caminho* conta, do ponto de vista de um narrador onisciente, o ponto de vista descritivo geral do jornalismo, que “era uma tarde comum, até que a lama veio e engoliu tudo pelo caminho. Os moradores de um Bento Rodrigues – que começava a ser tingido, quebrado, engolido, devastado – corriam para salvar suas vidas” (ALVES, 2016, p. 2).

A descrição retorna na página 11, mais específica, na matéria *Cruz sagrada, fé do povo*, sobre a centenária igreja de São Bento. “O dia em que a igreja teve, em questão de minutos, as paredes brancas tingidas de outra cor e, em seguida, destruídas. Da estrutura, nada restou. Como um redemoinho, o tsunami de rejeitos girou por toda a igreja e só deixou por lá a pia batismal” (DEMARTINI, 2016, p. 11). Na página 10, a matéria *Renascer longe do Bento* traz descrição similar: “O mar de lama avançou destruindo o que encontrou pela frente” (FERREIRA, 2016, p. 10).

À frente, na página 7, na reportagem de página dupla (6 e 7) *Fragmentos de uma tragédia marianense* o evento é narrado do ponto de vista do personagem José Barbosa dos Santos:

Em poucos minutos, o comerciante José Barbosa dos Santos, 68, teve as mãos calejadas e o suor de 45 anos reduzidos a destroços pela onda de lama. No momento em que a barragem rompeu, José trabalhava na venda que construiu há 25 anos. Ao ouvir de longe o barulho, pensou que fosse poeira

no vendaval. Quando viu o mar marrom, a correnteza trazia também uma escola inteira, e estava a 30 metros de atingi-lo [...] ‘Matou meu povo tudo. Andei até de passos. Não adiantava correr. Aquela lama poderia me lamber, já tinha lambido meu povo mesmo’ (VIEIRA; MELQUIADES, 2016, p. 7).

O ponto de vista de Maria Félix é também particular.

Na tarde do dia 5, Maria se preparava para descansar no sofá da sala quando a filha lhe avisou que a barragem tinha se rompido. A aposentada só teve tempo de chamar a amiga e fugir. ‘Entre no ônibus da linha que estava passando, ia em direção a Santa Rita, mas a lama cortou o caminho. O ônibus recuou e nos deixou no pé do morro. Lá de cima eu só via tudo sendo levado’ (VIEIRA; MELQUIADES, 2016, p. 7).

De perspectivas também particulares, duas personagens da matéria *Burocracia feita com mágoa* se recolocam no lugar do evento traumático. “Quando corri com meu menino, não teve jeito de pegar documento. Nessa hora o mais importante é sair vivo”, contou Geralda da Penha. Vanda Teotono narrou sua fuga: “Tinha acabado de chegar, naquela quinta-feira fiz compras no mercado. Só peguei minha bolsa e saí com a roupa do corpo” (RENNÓ, 2016, p. 9).

A destruição e salvamento recorrem na matéria *Todos na escola, menos dois*, no ponto de vista da personagem Miriam Guimarães:

[...] o prédio da escola foi totalmente destruído pela lama. [...] Eles souberam às 16h03, pelo marido da diretora, que a lama estava chegando. Para conseguir se salvar, os 40 alunos e 10 funcionários que estavam no prédio correram em direção à Igreja de Nossa Senhora das Mercês, que fica na parte mais

alta do distrito. Só foram resgatados no dia seguinte (HIGIDIO, 2016, p. 11).

O rompimento é mencionado em todas as matérias do jornal, mas não ganha detalhamentos – em distintos graus – em todas. E apenas nas três últimas citadas surge narrada como testemunho direto de um dos moradores do lugar – um sobrevivente. A narração do evento traumático, na voz dos sobreviventes, foi explorada moderadamente pela narrativa construída no *Lampião*, seja pela incapacidade dos personagens em produzir um discurso lógico acerca do evento (as errâncias), seja pela não-abordagem do tema nas entrevistas feitas com eles. Márcia Franz Amaral (2013) destaca a força das fontes testemunhais, que “descrevem os fatos e trazem a marca do sensível, da experiência, do vivido”. Mais: segundo ela, nas sociedades contemporâneas, a catástrofe midiaticizada se realiza plenamente no relato dos testemunhos. Tais testemunhos, indica, operam como sinais de marcação de realidade encarnados discursivamente pela emoção (AMARAL, 2013, p. 73).

O que transparece, tanto na narração dos personagens quanto nos textos dos repórteres, é o caráter de irrealidade que o trauma assume diante do cotidiano, ainda mais de um cotidiano bucólico de um vilarejo com cerca de 600 habitantes e rotina em parte baseada na vida rural. Traços dessa irrealidade transparecem nos relatos em menções à mão de Deus interferindo, à onda de lama sendo parada por uma pedra, aos telhados fluando nos rejeitos. Podemos compreender esse rasgo como uma quebra do acontecimento, a percepção que os sujeitos têm de uma ruptura que ocorre no transcurso do acontecimento, na conceitualização de Lozano Ascencio (2015, p. 11). A lama destruindo de uma vez prédios, casas, carregando uma escola inteira, vindo como um mar, interrompendo o percurso do ônibus. Só dá tempo de correr. Flashes de um cenário apocalíptico à la Roland Emmerich.

Também fica visível o caráter de

individualidade e singularidade dos testemunhos do trauma relatados no *Lampião*. Para além dos pontos de vista autoritários dominantes no jornalismo, o jornal apresenta os de outros personagens, os sobreviventes, do momento do rompimento. Cada um relata o que viu e viveu, experiência única para cada um deles, mas a mesma tragédia – unicidade e singularidade. Um sobrevivente disse, em testemunho não publicado, que “cada um viu uma coisa”. Há repetições que “unificam” esses testemunhos em torno de algumas características. Nas reportagens, emergem expressões que tentam materializar ou precisar a forma como o evento ocorreu: “mar”, “correnteza”, “redemoinho”, “tsunami”, “engoliu”, “tingido”, “questão de minutos”. Advêm não apenas da necessidade dos textos pela descrição (e eventual metáforização), mas da coleta de um conjunto de testemunhos e conversas com especialistas, que aproximam a imagem mental da chegada da lama ao subdistrito a um tsunami: houve um redemoinho que envolveu telhados; a lama arrastou as construções do povoado, como enorme onda gigante bateu em um dos paredões e retornou, atingindo o lugar novamente e derrubando o que ainda estava de pé. Há relatos, não publicados na edição, de pessoas que foram retiradas da lama, quase afogadas, outras foram submersas; uma criança foi arrancada dos braços do pai. Um homem viu animais soterrados pelos rejeitos. Uma mulher que pescava no rio ainda não foi encontrada.

A expressão “mar de lama” (CÁSSIO, 2016, p. 11) é recorrente na construção da representação midiática do rompimento, como imagem mental que os sobreviventes têm. A impressão de irrealidade é reforçada pela contraposição entre a ideia de mar – azul, cristalino – e a cor da lama da mineração, marrom, suja, resto, lixo, rejeito. A presença dessa imagem perturbadora, porque inverossímil, é recorrente ao longo do jornal, iniciando já na capa, predominantemente marrom. Como a maioria das páginas é preto-e-branca (apenas capa, contracapa e centrais são coloridas), a força da ima-

gem fotográfica da lama ressurgem apenas em algumas fotos da dupla 6 e 7. É textualmente que a imagem ganha força.

Em todo o jornal, há quatro matérias de cidades, política e economia. Outra, de página dupla, é híbrido de relato humanizado e cobertura considerada “hard news”, como o dito primeiro caderno. As seis restantes constituem abordagens mais pessoais de aspectos específicos da tragédia (a igreja, o time de futebol, a escola, produtos locais, documentação). Do total, em apenas duas não há personagens diretamente envolvidos com o rompimento. É por meio desses personagens que surgem os relatos sobre o trauma, concebido como tal estado afetivo, carregado de dor e morte, que transforma o sujeito, sobretudo com a transcrição direta das falas dos entrevistados. Terezinha Quintão, personagem da matéria *Renascença longe do Bento*, classifica o que ocorreu como “pesadelo” (FERREIRA, 2016, p. 10). Em seguida, ela narra um acontecimento que emerge como sintoma da reação a esse novo estado afetivo, que também desloca as sensações de familiaridade, especialmente porque, sem casa, foram obrigados a dormirem em locais estranhos, hotéis: “Nunca tinha caído da cama. Desde pequena nunca caí da cama, mas naquela noite eu caí”. A tentativa de realocação do eu no ambiente pós-traumático, inclusive no espaço pós-traumático, um espaço estranho e pouco acolhedor, se evidencia quando Terezinha lamenta que “A casa da minha mãe se foi. As lembranças verdadeiras foram todas embora”. Sem memórias, o sujeito encontra-se cindido, como também fica prejudicada a compreensão temporal, afinal as lembranças ajudam a conformar o passado.

Na conclusão da reportagem, Terezinha descreve como se sente e como se sentem os sobreviventes: “Quando ganhar a casa, vou chorar igual quando perdi a minha. Aí vou sentir realmente que nasci de novo, porque até agora parece que nós estamos mortos. Ou então que a gente dormiu e não acordou ainda”. A elaboração de Terezinha sobre a expe-

riência traumática aproximando-a da morte faz sentido se pensarmos o trauma como a experiência de quase-morte para o sobrevivente; o atravessamento momentâneo ao outro lado do simbólico e seu retorno, todavia nunca completo. Por isso quedas da cama; por isso a sensação de um sono do qual não se acorda (e de um pesadelo). Miriam Gomes, personagem da matéria *Todos na escola, menos dois*, descreve outra situação enfrentada pelos sobreviventes do trauma: “Tô com dificuldade de estabelecer rotina. Saía 6h, chegava 17h40 e dava conta de tudo. Hoje eu saio 7h30, chego 17h20, e não dou conta de nada” (HIGIDIO, 2016, p. 11). A relação tumultuada de Miriam com o tempo demonstra o distanciamento dela em relação a um presente, pós-traumático, ao qual pertence, mas a que não adere completamente, agarrando-se a uma vivência do tempo sempre no pretérito. É uma demonstração de como o trauma estilhaça o tempo de quem sobrevive a ele. A capa do jornal também evidencia a importância da dimensão disfuncional do tempo na vivência do trauma: a foto é o primeiro plano de um relógio parado, em uma hora próxima à que a lama atingiu os locais. O objeto está manchado de marrom. Abaixo da manchete (Do fim ao recomeço), a chamada sentença: “Quando a lama de uma barragem faz o tempo parar e o futuro persiste” (LAMPÍÃO, 2016, p. 1). Presente e futuro se articulam em uma percepção alterada do tempo, que não se ajusta ao resto do mundo.

Se Terezinha perdeu as lembranças de vida – fotografias, roupas, objetos queridos –, mementos, é à memória que outros sobreviventes se agarram, como outro distanciamento do presente que se mostra quase insuportável. É o caso de Gleison Alexandrino, personagem da matéria *Além das quatro linhas*. Ele encontrou, na lama, outros mementos, itens de recordação do time do lugar, o União São Bento. “O time representa tudo hoje. Só de termos na memória todas as coisas que passamos lá, temos mais força de vontade e empenho para continuar” (CÁSSIO, 2016, p. 11). A per-

da decorrente do trauma e o apego aos momentos ainda surge, na mesma matéria, no depoimento de Onézio de Souza. “Perdi tudo, menos a minha família e a fé em Deus.” Entre os desaparecimentos, uma coleção de camisas de futebol: “Foi doído, não gosto nem de lembrar, perder minha coleção. Se pudesse ter pegado algo antes da lama chegar, certamente seriam minhas camisas e o Jason, meu cachorro” (CÁSSIO, 2016, p. 11). A persistência da rememoração de Onézio diz respeito à natureza do trauma: “É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição” (GAGNEBIN, 2006, p. 99). Por outro lado, os personagens da matéria *Cruz sagrada, a fé do povo* lamentam a perda da igreja, mas garantem se segurar à fé, da qual o templo era apenas uma representação material – um memento.

Na matéria *Todos na escola, menos dois*, a dor da perda também se apresenta como uma das manifestações mais presentes do trauma. As crianças da escola de Bento Rodrigues lamentam a perda da familiaridade da merenda, dos espaços, brinquedos, e relatam o estranhamento diante de um mundo – a escola – que não é deles e não é a deles. Uma das crianças de Bento, Cristiam, unifica a perda de um passado que não será recuperado a um afastamento do presente. Questionado sobre a bicicleta em que adorava andar, diz: “Perdi”. Mas a perda maior, definitiva – a morte – surge também nas falas das crianças. Cristiam responde assim à pergunta sobre os coleguinhas da escola: “Tem um que morreu... Na lama. Ele se chama Thiago.” (HIGIDIO, 2016, p. 11). A desconexão entre os tempos verbais da morte e do nomeamento da vítima, Thiago Damasceno (um dos 17 mortos confirmados até aquele momento), demonstra a dificuldade em transformar o trauma em discurso e em assimilar a morte tão próxima, o luto ainda em processo, bem como a disfuncionalidade temporal entre pretérito – a morte – e o nome – presente. O tempo estilhaçado, o relógio quebrado. Outra criança, Silvany, conta que brinca com todos os antigos

colegas, “menos um”, igualmente consciente da ausência definitiva e irreparável provocada pelo evento traumático. A morte ainda é mencionada no jornal por parentes de vítimas, tanto algumas cujos corpos já foram encontrados quanto outras ainda desaparecidas (na época da produção do jornal). “Ele saiu de casa para trabalhar na quinta-feira e não voltou mais”, relatou Nilza, sogra de uma vítima (VIEIRA; MELQUÍADES, 2016, p. 7). “Ela estava pescando, fazendo o que mais gostava. Aí veio a lama e a levou”, narrou Vanderlei Lucas, filho de uma desaparecida (VIEIRA; MELQUÍADES, 2016, p. 7).

Além da dor e da morte elencados por Storolow, o evento traumático narrado por múltiplos pontos de vista no *Lampião* evoca nostalgia em relação a um passado agora inatingível, destruído pela lama: as brincadeiras na rua, as mãos que plantavam jabuticaba, a comida caseira, a piscina, a cozinha por reformar, as festas nas casas, os paramentos católicos, as missas na igreja, a coxinha, o campo de futebol, os encontros, a proximidade, o pertencimento. Esse passado irrecuperável é nostálgico porque se ancora unicamente na construção de uma memória eivada de afetos positivos, de saudade, da constante sensação de perda irreparável. Huyssen classifica de “cultura da memória” esse desejo por ancoragem, tão perceptível e necessário diante da experiência do trauma (HUYSSSEN, 2000). Para Vaz e Rony, há uma democratização dos pontos de vistas dessas narrativas, mas sob a “vida feliz que seria o direito de todos (...) o que parece destacar as vítimas do comum dos mortais é a felicidade de suas vidas até então” (VAZ; RONY, 2010, p. 13). Esse recurso narrativo da nostalgia cumpre, de acordo com os autores, funções generalizadoras e idealizadoras, ao simplificar o ideal de felicidade privada das vítimas e retirar delas tristezas, angústias e conflitos (VAZ; RONY, 2010, p. 13).

A palavra “saudade” aparece nas matérias do jornal como um dos sintomas da vivência desse trauma: saudade de pessoas, da vida, do cotidiano, de coi-

sas. Outras, como “dor”, “mágoa”, “memória”, “tragédia”, “renascer”, “reconstrução”, “esperança”, presentes em títulos ou intertítulos das matérias do jornal, completam esse mosaico ao ecoar as discussões sobre o trauma como estado afetivo propostas por Seligmann-Silva (2005, 2008), Piralian (1994), Storolow (2011), entre outros, e participam da construção da representação midiática do evento traumático no jornal-laboratório. Assim, temos de um lado um evento traumático carregado da irrealidade de uma lama similar a um mar, mas marrom, rápida, destruidora, que provoca morte, perda e trauma, e de outro sentimentos como dor, mágoa, medo, esperança, saudade. As manifestações também incluem eventos mais concretos, sonhos com o passado, como o de José Barbosa: “Às vezes não quero lembrar. Mas nos meus sonhos chega um freguês e fala, ‘quanto é aquilo ali, Barbosa?’” (VIEIRA; MELQUÍADES, 2016, p. 7). Passam pelas quedas na cama de Terezinha ou pela dificuldade em lidar com o tempo de Miriam. Chegam também a Sandra Quintão, personagem da matéria *Riqueza tingida de lama*, que fez salgados congelados na cozinha do hotel onde ficou alojada para manter alguma ligação com o que fazia usualmente.

Enquanto para Sandra a marcação de uma presença a ajuda a reunificar esse eu cindido, para Waldir Pollack, na mesma matéria, foi a marcação de uma ausência que o ajudou no processo de reinserção no mundo após o trauma: “No dia 7 de novembro, foi a primeira vez que chegou à feirinha onde vende suas hortaliças de mãos vazias, para mostrar aos clientes que estava bem. Ficou ao lado da barraca toda a manhã” (RAMOS, 2016, p. 8). A perda narrada se aproxima, entre outros sintomas, ao estresse pós-traumático, outro recurso narrativo de acordo com Vaz e Rony: “os sobreviventes são apresentados como tendo perdido uma parte do seu passado (...) por terem perdido um futuro possível, perderam a capacidade de antecipar futuros, de desejar” (VAZ E RONY, 2010, p. 13). Para os autores, a impossibilidade de anteci-

par um futuro, em vez de se relacionar naturalmente à dimensão da perda, é construída, dentro da concepção de sofrimento irreversível e da destruição da capacidade do sujeito de desejar.

Vítimas com RG

Márcia Franz Amaral aponta a mudança na cobertura de catástrofes feita pelo jornalismo notando que, antes, a cobertura era generalista e, atualmente, a partir das reflexões de Vaz e Rony, “as pessoas são apresentadas com nome, idade, profissão e aparecem como sendo vítimas da interrupção de uma vida cheia de felicidades e de projetos” (AMARAL, 2013, p. 73). Para Vaz e Rony, é uma orientação dos meios de comunicação em direção à compaixão por sujeitos identificáveis, falando dos passados delas (VAZ; RONY, 2010, p. 7). Os autores classificam esse tipo de cobertura de “política da vítima” (em relação à anterior política da piedade), que permite ao público, diante da produção da narrativa jornalística do trauma, a “compaixão à distância, que nos faz experimentar a dor de estranhos individualizados” (VAZ; RONY, 2010, p. 11). Da perspectiva da política da vítima, as narrativas passam ao ponto de vista das vítimas, e os depoimentos se transformam em recurso narrativo recorrente (VAZ; RONY, 2010, p. 12).

Para Amaral, por outro lado, cabe a essas fontes, que não possuem poder ou conhecimento, “dar o tom da história, torná-la verdadeira e interessante”, a partir de um exercício do testemunho, que funciona, na narrativa, como marcação de uma realidade e ajudam a construir o acontecimento (AMARAL, 2013, pp. 77-78). Mais do que isso: os relatos testemunhais remetem, segundo a autora, a maneiras contemporâneas de compreensão das tragédias. São também uma forma de o meio de comunicação construir a catástrofe.

No *Lampião*, 21 sobreviventes têm relatados seus testemunhos sobre o trauma, a perda, a tragédia, Bento e constroem essa marcação de realidade, ao lado de outras estratégias narrativas. Outras seis fontes locais constituem

personagens que humanizam os relatos, mas seus relatos não se configuram como testemunhais em relação à tragédia, ainda que se refiram a memórias de Bento, entre outros. Nem todos têm a fala literalmente reproduzida no jornal; alguns testemunhos são parafraseados pelos repórteres. Em ambos os casos, se alinham às representações descritas por Amaral, de sensações concretas, sem oferecer explicações para os fatos. E a preponderância das distintas e familiares vozes possibilita perceber que a narrativa construída pelo jornal impresso busca privilegiar tais protagonistas do trauma, seja para apresentar essas vidas interrompidas, seja para se filiar à política da vítima, seja para engendrar a compaixão. Como veículo praticante do jornalismo local, o *Lampião* busca engajar os leitores em narrativas de proximidade.

Uma das estratégias de aproximação e engajamento no jornalismo local trata-se justamente de dar voz a moradores, participantes. Esse privilégio a vozes locais se coaduna à visão de Tétu sobre o local, que não é apenas território, mas um “lugar de vida”, espaço onde se dão conflitos, decisões e atuações em comunidade, ancorado não apenas na proximidade, mas também no pertencimento a um grupo social (a solidariedade ou a exclusão) e na participação, ou na efetivação de tal pertencimento (2002, p. 435). Permeados pela comunicação, esses lugares de vida demandam jornalismo que se apresenta como local de passagem entre o público e o privado. E o “local” em que esse jornalismo atua é determinado, segundo Tétu, pela geografia e economia mas também institucionalmente, ou seja, pela existência de coletividades locais, escolas, povoados, ex-povoados agora cobertos de lama (TÉTU, 2002).

Centrar a narrativa do acontecimento em Bento Rodrigues, quase circunscrevendo-se a esse local permite ao jornal responder algumas questões de Kennedy acerca do lugar (na obra de Gertrude Stein): “O que significa ‘representar’ um lugar numa narrativa?”. Uma das respostas possíveis está também em

Kennedy, para que “nos encontramos e nos conhecemos principalmente através da conexão que formamos com um lugar (...) Se a memória é o nó da identidade, imagens de espaço determinam o ato da lembrança” (KENNEDY, 1993, p. 43). Para os sobreviventes do trauma, a ancoragem do lugar por meio da narrativa jornalística é mais uma estratégia de refundação do eu utilizando como ferramenta o testemunho.

Considerações finais

A edição temática do jornal *Lampião* dedicada à cobertura do rompimento da barragem do Fundão, no sub-distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, evidencia o uso de estratégias alinhadas às discussões sobre a narração e as narrativas do trauma (que preponderam na literatura e na psicanálise), dando protagonismo ao testemunho dos sobreviventes. Nesses testemunhos, transparecem características atribuídas às manifestações de perda, dor e estilhaçamento temporal relacionadas à vivência do trauma. Também pode-se inferir uma nostalgia em relação a um espaço perdido, espaço partícipe das construções identitárias desses sujeitos deslocados, desalocados, desterrados, que efetivam uma política de memória para reconstruir imaginariamente um lugar de vida – ou mesmo todo um modo de vida (WILLIAMS, 1992) perdido com o evento catastrófico e traumático. Os testemunhos expressos no jornal buscam evidenciar características de perda, saudade, dor, mas também buscam construir metáforas que deem conta de representar o irrepresentável, por meio da analogia distópica com o mar.

Por outro lado, a descrição do evento traumático em si não é tão frequente no jornal, que prefere focar na personalização dos relatos, nos sintomas do trauma e nas ausências. A função primordial do testemunho no jornal, assim, parece-nos dupla: para os sobreviventes, o *Lampião* se coloca como espaço para os primeiros relatos do trauma, ajudando a construir uma primeira narrativa do evento traumático e oferecendo aos sobreviventes um lócus para movimen-

tos iniciais de reconstrução do eu rompido pelo trauma.

A narrativa também se alinha com a tendência do jornalismo na cobertura de catástrofes, que privilegia justamente as características de personalização, de unificação dos dramas, e gira em torno da política das vítimas, eventualmente privilegiando relatos individuais – já que pela natureza traumática toda narrativa do trauma é única – polifônicos, mas convergentes, em detrimento de explorações jornalísticas, por exemplo, sobre responsabilidades estatais e corporativas.

Não há, contudo, a construção do espetáculo na narrativa elaborada pelo jornal sobre o acontecimento; espetacularização essa que pode (e poderia) caminhar bastante próxima à tendência de personalização da cobertura em casos como esse. Convivem, assim, na cobertura jornalística realizada pelo *Lampião* acerca do rompimento da barragem do Fundão as políticas de memória e das vítimas a serviço de um jornalismo local que se relaciona com a comunidade em que está inserido, com as coletividades locais que reporta.

Referências

ALVES, H.. No meio do caminho. **Lampião**. Mariana, p. 2-2. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 10 out. 2016.

AMARAL, M. F. Las catástrofes en las revistas semanales brasileñas: evidencias y silenciamientos. In: ASCENCIO, C. L. (org.) **La construcción del acontecer de riesgos y de catástrofes**. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2015.

AMARAL, M. F. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. In: **Revista Contracampo**, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 71–86

ASCENCIO, C. L. (org.) **La construcción del acontecer de riesgos y de catástrofes**. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2015.

BARBOSA, K. G., SANTOS, A. C. L., AQUINO, T.. *Lampião – apresentação*. Anotações de aula. Disciplina de Laboratório Impresso I. Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro (trad). Lisboa: Edições 70, 2004.

BORGES, P. M.; BRAVIN, A.. *Lampião ilumina a cidade: cotidiano, conflito e aprendizado à luz do ‘olhar estrangeiro’ em um jornal–laboratório*. In: **14º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, 2012, Uberlândia. GP Produção Laboratorial – Impresso, 2012. v. 1. p. 1.

CÁSSIO, F. Além das quatro linhas. **Lampião**. Mariana, p. 11-11. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 9 out. 2016.

CORRAL, E. M., CALERO, M. L. S., ASCENCIO, C. L.. La construcción de los discursos sobre catástrofes de origen natural en los informativos de las televisiones en

España. In: ASCENCIO, C. L. (org.) **La construcción del acontecer de riesgos y de catástrofes**. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2015.

DEMARTINI, P. Cruz sagrada, a fé do povo. **Lampião**. Mariana, p. 10-10. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 11 out. 2016.

FERREIRA, P. Renascer longe do Bento. **Lampião**. Mariana, p. 10-10. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 10 out. 2016.

GAGNEBIN, J. M.. **Lembrar esquecer escrever**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GROTH, O.. **O poder cultural desconhecido** – fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

HIGIDIO, A.. Todos na escola, menos dois. **Lampião**. Mariana, p. 11-11. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 10 out. 2016.

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KEHL, M. R.. Minha vida daria um romance. In: **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KENNEDY, J. G.. **Imagining Paris**: exile, writing, and American identity. New Haven & London: Yale University Press, 1993.

LAMPIÃO. 21a edição, 12 p. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2011-. Bimensal. Janeiro, 2016.

MASSÉ, M. H. **Trauma journalism** – on deadline in harm's way. Nova York, Londres: Continuum International Publishing Group, 2011.

MUÑOZ, S. M.. Humanismo y desastres naturales: el caso de Omaira Sánchez y la erupción del Nevado del Ruiz. In: ASCENCIO, C. L. (org.) **La construcción del acontecer de riesgos y de catástrofes**. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2015.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Gallimard, Paris:1997

RAMOS, F. Riqueza tingida de lama. **Lampião**. Mariana, p. 8-8. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 10 out. 2016.

RENNÓ, M.. Burocracia feita com mágoa. **Lampião**. Mariana, p. 9-9. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 10 out. 2016.

RESENDE, F. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. In: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31–43, dez. 2009.

SARLO, B.. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro. Vol. 20, n. 1, p.65 – 82, 2008

SELIGMANN-SILVA, M.. Testemunho e a Política da Memória: O Tempo depois das Catástrofes. In: **Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, no. 30, Guerra, Império e Revolução, pp. 31-78, jun. 2005.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 2, n. 1, 2015.

STOROLOW, R. D. **World, affectivity, trauma**: Heidegger and post–Cartesian psychoanalysis. Nova York, Hove: Routledge, 2011.

TAVARES, F. M. B.. O jornalismo especializado e a mediação de um ethos na sociedade contemporânea. In: **Em Questão**, v. 13, pp. 41–56, 2007.

TÉTU, J. F.. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal** – da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, 2a ed.

VAZ, P.; RONY, G.. Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. In: **XIX Encontro Anual – COMPÓS**, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIX Encontro Anual – COMPÓS. Rio de Janeiro: PUC–Rio, 2010. v. 1. p. 1–17.

VIEIRA, A. C.; MELQUÍADES, A.. Fragmentos de uma tragédia marianense. **Lampião**. Mariana, p. 6-7. jan. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em: 10 fev. 2016.

WILLIAMS, R.. **Cultura**. Lólio Lourenço de Oliveira (trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.